

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

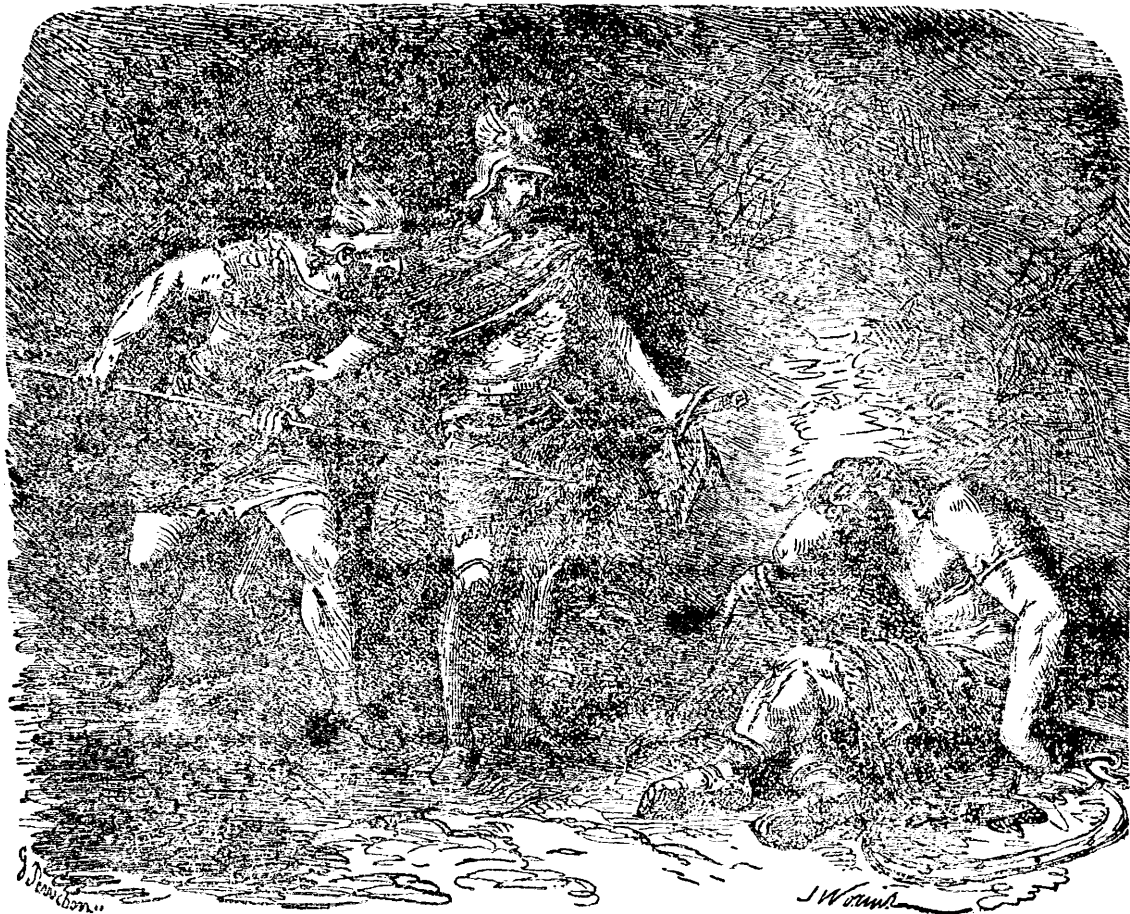
RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XIV) Patria, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *A confissão sacramental* (III), pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — SECÇÃO CRITICA: *O missionario catholico*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Elmano; — *Impressão* (As doutrinas do Nazareno), pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. P. Mineiro — SECÇÃO LITTERARIA: *Viva Maria!* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. M. F.; — *Sou do céu!* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. M. F. — *Maria, nossa Mãe*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. M. F. — *S. Camillo de Lellis* (continuação), pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. P. Mineiro; — *O monge e a ave* (Lenda mystica de S. Vicente Ferrer); — *Saudade e recordação dos dias da infancia*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. José Maria Guerreiro; — *Liberdade*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. A. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *David salva a vida a Saul*; — *Santo Eleutherio, Bispo e martyr*. — SECÇÃO NECROLOGICA. — RETROSPECTO.

**Gravuras:** *David salva a vida a Saul*; — *Santo Eleutherio, Bispo e Martyr*.



DAVID SALVA A VIDA A SAUL

## SECÇÃO DOCTRINAL

## Milicia Christã

VLVI

PATRIA

**F**osse solo, onde, ao abrir pela vez primeira os olhos, vimos a luz dos astros luminosos, o firmamento que nos cobre e a terra que pisamos, onde nos alvoreceu a vida no collo d'uma carinhosa Mãe, onde a primeira ideia surgiu na nossa mente e o primeiro affecto se insinuou no coração: esse solo onde vimos a primeira flôr, a primeira fonte, o caudaloso rio, a caprichosa cascata, onde ouvimos pela vez primeira cantar o gallo, piar o pintainho, chilrear as avesinhas, ladrar o cão, grasnar o pato e balar o cordeirinho; onde aprendemos a andar, a falar, a ler e escrever, os que lemos e escrevemos, onde todos brincamos na infancia, tivemos as primeiras amizades e as mais candidas sympathias, as primeiras illusões e tambem as primeiras contrariedades da vida: onde um Padre nos baptizou e nos deu nome, uma mãe piedosa nos ensinou as primeiras orações, as quaes então dissemos com a fé mais pura e o mais candido fervor, aquelle primeiro lar em que vivemos, aquelle templo, onde, pela vez primeira oramos, aquella aula, onde, pela vez primeira nos alistamos, aquelle lugar, onde na infancia brincamos, o adro onde vimos o primeiro arraial, aquelle horisonte, onde os nossos sentidos ensaiaram a sua sensibilidade e a nossa alma racional as suas affecções e conceitos, teve, tem e terá sempre, para nós, os maiores encantos. A historia d'esse povo, os seus monumentos, as suas letras, os seus costumes, são astros luminosos para a mente e doce enleio do coração.

E' a patria uma segunda mãe, que nos acariciou na infancia, nos sorriu na juventude e na maior idade reconheceu e sancionou os nossos direitos.

No seu seio guarda os restos mortaes dos nossos paes e dos nossos avós, nos seus archivios os titulos da nossa nobreza, no seu escudo o cunho do nosso poder, na sua historia as nossas glorias, na sua grammatica a nossa lingua, nos seus templos os monumentos da nossa fé, nas suas fortalezas a nossa defesa e no seu solo as nossas alegrias.

Os que não amam a sua patria não são nobres, os que não defendem as suas gloriosas tradicções não tem brio, os que desdenham dos seus costumes não tem gosto, os que preferem a vida do estrangeiro não são patriotas, o que

não veste como os da sua terra não é elegante, os que não acham chiste na lingua nacional não a conhecem, os que não amam a litteratura patria não a estudaram.

Esses advogados officiosos do patriotismo universal são verdadeiros ciganos sem patria nem lar, que deveriam ter passado pela roda.

Gostar de tudo por igual é não ter gosto, e se o amor é para todos por igual, adeus familia, adeus patriotismo e adeus sociedade.

Se o pae ama os seus filhos, como aos do seu visinho, pouco os ama; se os filhos amam ao seu Pae como ao inimigo d'aquelle, não são bons filhos. Se o esposo ama a esposa, apenas como a qualquer outra, aquella não se dirá venturosa.

A todos deveremos amar, como aos nossos irmãos, mas aos nossos compatrioticos amaremos como a irmãos predilectos; a ninguem professaremos odio: mas defenderemos corajosamente o torrãozinho, que nos cubre em sorte, amigos amigos, mas contas áparte. Todos somos irmãos, mas com toda a justiça ao ladrão se fecham as portas da casa e se lhe abrem as da cadeia para o fechar dentro.

Os filhos d'uma nação formam uma familia nobre, que se gloria com razão de ser quem é, de levar os titulos que leva dos seus feitos, da sua historia e da sua independencia.

São homens, e pôde ser que se indisponham entre si, que ralhem e até que pelejem uns contra os outros: mas, se o estranho se approximar das suas fronteiras, unir-se-hão, irão estorvar-lhe o passo; porque todos amam a integridade nacional.

Um viva a patria dirime as questões, harmonisa os genios, agrupa as forças dispersas, duplica o valor, dissipa o medo, mata as apathias, excita o entusiasmo, destroe os vicios civicos, e fomenta as virtudes heroicas.

Pela patria suspira o desterrado, na patria descansa o venturoso, pela patria o soldado lucta e o sacerdote ora, pela patria o pobre soffre e o sabio escreve, pela patria o industrial discorre e navega o nauta, o pintor pinta e o poeta canta, reina o Rei e os subditos obedecem.

Depois de Deus é a patria a palavra magica, o ser mais querido dos que militamos na milicia christã, e honrar-nos-hemos d'ir sempre na nobre vanguarda dos defensores da patria.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## A confissão sacramental

III

**M**UITO haveria que dizer sobre o thema da confissão sacramental, que é de instituição divina. Resumirei o que resta de mais essencial sobre objecto de tanta importancia.

A Igreja ordena a confissão *ao menos uma vez cada anno*, e ainda em varios casos, como quando tem o sujeito de receber algum dos sacramentos chamados de vivos, principalmente o da Eucharistia.

Sem a virtude da penitencia nenhum peccador pôde reconciliar-se com Deus, dentro ou fóra do sacramento. Os actos do penitente, que são a contricção, a confissão e a satisfação, com a absolvição, é que constituem o sacramento da Penitencia. No caso, porém, de absoluta impossibilidade de confissão, pôde supprir a contricção perfeita, com o desejo de receber o sacramento da Penitencia.

Estabelecidos estes principios incontestaveis, porque são pontos definidos, discorrerei ácerca da confissão sacramental, tão abandonada e até desprezada geralmente em nossos dias.

Repetirei mais uma vez as palavras que Santa Thereza de Jesus escreveu a um prégador:

«Padre, deveis prégar muitas vezes contra as confissões mal feitas, porque o demonio não tem outro laço em que tantas almas colha como no das confissões nullas e sacrilegas.»

Como nota: Este prégador era o P. Balthasar Alvares, da Companhia de Jesus, e que por muitos annos foi confessor da mystica doutora do Carmelo. Bossuet considera-o como um dos mais sublimes contemplativos do seu seculo. Este veneravel jesuita está beatificado pela Igreja.

Acabou a nota.

E agora convem accentuar esta verdade: a maior parte das confissões são mal feitas, e por esse motivo se perde o maior numero de christãos. Uns por descrença, outros por ignorancia e negligencia, e ainda outros por ambos os motivos, se confessam mal.

E, depois, cumprem esse dever apenas uma vez cada anno, com a maior repugnancia, que se traduz por descrença. E estes taes são em grande numero, são o maior numero, e blasnham de bons christãos!!

E' uma verdade, uma triste verdade, que ninguem pôde negar.

Não é raro ouvir-se dizer:

—Eu sou catholic apostolico romano; e por isso confesso-me sempre na quaresma, por desobriga, já que a Igreja assim o manda. E' a coisa que mais me custa; mas enfim não ha remedio, porque do contrario dizem que

um homem não tem religião. No entanto de nada vale a confissão; a Igreja devia adoptar outro meio. A verdadeira confissão é cada um arrepender-se de suas culpas, confessando-se a Deus, e não a um homem. . . .

Esta linguagem é um facto real. A muitos individuos a tenho ouvido. A muitos que se dizem bons christãos. A muitos que ouvem missa com toda a reverencia. Que rezam muito. Que dão muitas esmolas. Que são bem morigerados, etc. etc.

Ora isto é verdadeira descrença ou, se quizermos fallar mais benignamente, é ignorancia, mas ignorancia culpavel.

Contra os descrentes só vale a devida instrucção, quando elles sinceramente a procurem, o que raras vezes succede. Aliás é inutil. Só por milagre.

A utilidade da confissão auricular tem sido confessada pelos mesmos herejes e impios que negam a instituição divina do sacramento da Penitencia e que não reconhecem o preceito da Igreja.

Na *Encyclopediu* franceza (grande arsenal da impiedade) se diz que nada mais util do que um individuo procurar uma vez no anno o seu pastor, como o melhor dos seus amigos, abrir-lhe o seu coração, as suas inclinações e desejos, e pedir-lhe os seus conselhos, as suas orações e as suas consolações.

Luthero e Calvino, chefes do protestantismo, não deixaram de confessar isto mesmo algumas vezes, ainda que a cada passo se contradissem, como acontece com todos os que se afastam da doutrina catholica.

Como specimen da *sciencia e prudencia* de Luthero, citarei textualmente algumas das suas theses que se lêem nos seus escriptos.

*Ha sete sacramentos* (Luthero, *Do poder do Papa*).

*Ha só tres sacramentos* (Luthero, *Do captiveiro de Babilonia*).

*São só dois os sacramentos* (Luthero, *Carta aos Valdenses*).

*Se quizermos fallar segundo a Escripura, ha só um sacramento* (Luthero, *Do captiveiro de Babilonia*).

*A confissão auricular é uma ficção dos homens* (Luthero, *commentarios á Biblia*).

Ora um homem que escreve d'este modo poderá ser considerado como um apóstolo da verdade?

E depois Luthero era um homem violento, verdadeiramente endemoniado: pragas, maldições, torpezas de palavras, era o que se encontrava na sua bocca contra os catholicos que o combatiam, contra a Igreja e contra o Papa.

Passemos adiante.

Voltaire, o chefe dos incredulos modernos, tambem commetteu as mesmas

contradições. Sustentou a necessidade e utilidade da confissão sacramental, e por outro lado atacou e mettu a ridiculo a doutrina da Igreja.

Facto notavel! Os protestantes de Allemanha, no seculo XVI, vivendo ainda o seu patriarcha Luthero, pediram ao imperador Carlos V que mandasse por uma lei que todos se confessassem.

E davam a seguinte rasão: «Depois que nos não confessamos, não podemos viver nem fiar-nos uns dos outros.»

E' um facto que prova exuberantemente os salutareos effectos da confissão. Hoje, porém, é geral a descrença religiosa.

Suppondo que ha crenças vivas nos christãos, reina uma grande ignorancia, ainda nas pessoas que se presam de muito religiosas. E, além d'isso, como já disse anteriormente, a confissão é o acto mais difficil da vida christã, tanto da parte do penitente, como da parte do confessor.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO CRITICA

### O missionario catholico

**A** RELIGIÃO catholica, que, tantas vezes, tem sido guerreada, mas nunca vencida, porque as portas do inferno não prevalecerão contra ella, tornando-se assim mais firme e forte á furia das vagas encapelladas do vicio, tem doçuras que extasiam e arrebatam os corações, e estímulos que christianisam aquelles que jazem ainda no estado de perfeita barbarie. Nenhuma como ella se coaduna melhor com a razão, livre e despreoccupada, submete melhor os genios á obediencia ás leis civis, e apresenta progenitor mais sublime. Se remontamos á genese das varias religiões d'este globo terraqueo, o que vemos? Impostores, e só impostores! Impostores, que, albergando dentro de si sentimentos baixos, só filhos do crime e da lascivia, queriam legar á posteridade nome celebre pelas falsidades dos principios que ensinavam, mas, felizmente, são apontados, por aquelles em quem ainda não entrou o pensar da epocha, como infames e dementes. Quem lembrará Mahomet, entre os Persas, sem lhe occorrerem, immediatamente, as idéas de hyemcrita refinado e de lascivo? Ninguem! Quem, entre nós, lembrará Pombal, sem o cingir da escopeta de assassino e cruel?

Que nome transmittirá á geração vindoura um homem, que, longe de com

suas virtudes nos edificar, gastou toda a sua vida calunniando, mentindo e ceivando o seu odio na proseripção dos jesuitas? Todavia, alguns ha que, partilhando com elle os sentimentos deprimidos, que teem assolapados nos seus corações, ousam apontar como benemerito um monstro de quem a propria mãe dizia, segundo Camillo, o conhecido romancista, «ter dado á luz não um homem, mas uma fera!» Pobres defensores e apologistas!? Mas seja-me relevada a divagação sobre assumptos que não é bom tocar-lhes porque os personagens são ridiculos. Não ha religião alguma que seja preferida á catholica como meio de sujeição.

Se não vejamos. Quando outr'ora Portugal empregava as suas atencões e esforços no alargamento dos seus dominios em terras d'além-mar, enviando, para esse fim, os seus melhores capitães, expostos ás intemperies dos climas d'essas inhospitas paragens, além de cantores das suas glorias, as suas naus, transpondo os oceanos, levavam tambem como meio de civilisação, missionarios para trabalharem na vinha do Senhor, que cada vez mais dilatava os seus horizontes. E á medida que se avassalavam os povos, o pendão das quinas tremulava, os alicerces para igrejas eram lançados, e o catholicismo era inoculado nos corações dos indigenas.

Então a religião catholica attingia o seu maximo de vigor, e Portugal com isso se gloriava!

Feliz nação e felizes subditos, que se haviam collocado sob a egide da Immaculada Conceição! Quando outr'ora seus filhos, antes de partirem para os combates, se reuniam nos templos, implorando o auxilio da Virgem, onde o insenso ardia, embriagando os ares com o seu dulcissimo odor, e os hymnos festivos echoavam, então Portugal era forte, o seu braço era temido, e ao pronunciar o seu nome as nações estrangeiras descobriam-se reverentes.

E' que então Portugal era piedoso, e cada cidadão se arvorava em apóstolo da religião que abraçava! Mas hoje que, com difficuldade, as idéas e sentimentos religiosos se podem manifestar, sem serem aleunhados de jesuitas esses em quem se alberga ainda a religião catholica em toda a sua pujança, hoje a nação dos Gammas, dos Albuquerque e centenaes d'outros, que não só eram religiosos, mas tambem poderosos nas armas, está carcomida e ameaça ruina, porque em seu seio entrou a desmoralisação e o crime! Pobre nação! Se os seus que jazem sob a fria louza dos sepulcros, por um milagre, levantassem as suas cabeças e vissem o pouco respeito que a sua patria inspira ás nações do mundo e, o que é mais, o desprezo que

votam á religião que conquistou tantos povos e fez tantos subditos, escondiam-se, para nunca mais se levantarem, admirados, até ao delirio, do verdadeiro contraste que esta nação fórma do velho Portugal, sob o ponto de vista religioso. Mas, felizmente, ao passo que vemos o lamentavel estado d'esta nação, alegramo-nos por ver esses incançaveis obreiros do Senhor, que continuamente trabalham pelo progresso e dilatação dos dominios do catholicismo em terras africanas, os missionarios!

Os missionarios! Eis as figuras typicas dos verdadeiros apóstolos dos primeiros tempos da Egreja!

Envergando uma escura sotaina, de crucifixo na mão direita e o livro dos evangelhos na esquerda, elle ahí vae, como o sementeiro do Evangelho, espalhando a semente da palavra divina. Gloriosa missão a vossa, ó continuadores da obra de S. Francisco Xavier!

Por isso, que a Providencia proteja sempre os que trabalham em tão videntes campinas, porque só assim é que se conservam os subditos obedientes ás leis do estado, aos poderes publicos, e, antes de tudo, salvam o que Deus deu ao homem de mais precioso que é a alma, que deve ser a aspiração de todos.

ELMANO.

## Impressão

### As doutrinas do Nazareno

**V**AGUEIAM na terra innumerados seres que esquecendo os beneficios do Creador, propalam vergonhosamente doutrinas subversivas e erroneas, ideias germinadas em cerebros ócos, e guerra acintosa e terrivel aos Ministros do Omnipotente, guerra cruel e inhumanitaria, sem razão de ser. Contra esses espiritos do mal, havemos apenas o nosso abandono e desprezo, vergasta com que se educam e ensinam os rebeldes e indomitos. Contra essa sucia de maus, ha o cumprimento da palavra divina que o chicoteia de continuo, e se conserva altaneira ás suas insidias e ciladas, fazendo-os detestar inteiramente a maior parte das vezes, quando reclinados no travesseiro, as subversões que tentam semear entre os filhos do povo. E essa semente produz quotidianamente entre os incautos, como germinam todas as hervas ruins lançadas á terra; mas o seu fructo é asqueroso, amargo e insaluberrimo, causando (quantas vezes!) a morte o veneno que encerra, atrophia outros, e é o principio das innumeradas pestes que assolam o globo.

Por isso as nações são derrocadas, esphaceladas barbaramente, o que presenciemos nitidamente, se com um volume da historia nas mãos, percorremos as suas paginas.

O fim principal dos loucos propagadores dos principios contrarios ás instituições do Golgotha, é o rebaixamento das *pedras do templo santo*, d'esses martyres da verdade, dos eternos instructores do genero humano que deseja aprender os ensinamentos divinos, as doutrinas de Jesus—os Jesuitas.

Estes humildes filhos de Loyola, que derramam a luz, o bem e a instrução por toda a parte, athletas da civilização christã, são o alvo principal da jacobinagem pululante e infrene que tenta envilecel-os e submergir, ante os olhos dos verdadeiros catholicos.

Pobres filhos d'Ignacio! Humillimos discipulos do Filho do Eterno! A cruz que tomaes na terra, deve necessariamente ser o degrau que vos aproxime da morada dos justos, onde Loyola vos espera.

Soffreis? embora. O soffrimento é proprio d'aquelles que adoram a doutrina pregada em tres annos pelo Messias, e que atravez 19 seculos se tem propagado por todo o orbe, e se conserva sobranceira a todos os ataques impios e vergonhosos.

\*

Quero narrar aqui um pequeno episodio que commigo se passou ha poucos dias ainda, ou melhor direi que se passou na minha presença. Temos que atravessar essa verdadeira Manchester portugueza, a Covilhã. Subamos ao seu pinaculo, passando por entre a ruidosa multidão que volteja no mercado, e vamos encontrar-nos no silencio eterno do cemiterio, onde pouca gente transita n'essa hora.

Foi no passado mez de março, e se bem me recordo, no dia 21. Em companhia de duas senhoras, fui visitar a morada tumular dos fieis covilhanenses, admirando a sumptuosidade e magnificencia dos ricos pantheons, ante a severidade d'uma modesta pedra encimada com o triste aqui jaz, ou a mais simples e fria expressão da morte—uma cruz adornada apenas com o numero da sepultura, implacavel e severo.

Ha poucos mezes ainda que eu me relacionei com a familia das senhoras que acompanhava, e com quem fallava acerca das verdades eternas symbolizadas n'aquellas moradas mudas, mas ainda assim bastante instructivas. Todavia, tenho estudado muito os sentimentos d'aquella familia, tão religiosa, e de principios os mais austeros e modestos. A perfidia, a inveja, a mentira, a calunnia e toda a casta de sementes

corrosivas e corruptoras não germinam n'aquella casa, onde a verdade é venerada, seguida e estimada. A mais velha das duas senhoras que eu acompanhava (ambas ellas menores de vinte e seis annos) tinha sido no espaço de meia duzia d'annos instruida nos principios da religião por um veneravel jesuita que ha poucos mezes subiu á bemaventurança a receber os louros das suas conquistas, o qual, como director espiritual da joven senhora, se esmerou em semear aquelle coração de todas as virtudes e perfeições. Pois foi ella, eu ou a irmã mais nova o sabermos, ao sepulcro d'aquelle reverendo, que nós nos chegamos em meio da nossa excursão atravez as funereas campas. Ali, debaixo d'uma simples pedra, jazia o cadaver do sacerdote, juntamente com o de um irmão, que, como elle, soube cumprir os deveres que o Altissimo lhe impusera; e ante esse tumulo rigido e austero, ajoelhou aquella joven, tentando esconder de mim e da irmã que estavamos um pouco afastados, duas lagrimas que lhe assomaram aos olhos e deslisaram suavemente pelas pallidas faces. Aquella dôr devia ser sublime. Respeitei-a. Perpassou perante os meus olhos um rapido clarão, e julguei perceber a intensidade de tão sensível magoa.

A nossa visita aos tumulos correu sombria, até ao fim, depois d'aquelle rapido e emocionante acontecimento. As palavras gelavam-se-nos nos labios, e se uma ou outra aventuravamos, essa era fria e lugubre como as campas que nos rodeiavam e meditabundos e melancholicos sahimos do cemiterio.

\*

Chegae-vos aqui, hodiernos jacobinos, Mahomets, Calvinos, insidiosos Renans e toda a caterva de canallias que para deshonra da humanidade, vegetaes sobre a terra; vinde estudar a santidade dos dictames do Calvario, das palavras do Monte e dos dogmas do Evangelho; e dizei-me:

—«Quaes foram as sensações que a alma d'aquella joven senhora sentiu na presença do tumulo do seu confessor? Quaes os principios que este Apostolo lhe infiltrara e insinuara n'alma atravez o austero crivo do tribunal da penitencia? Os da ingratição? De forma alguma. Os do mal? Não. Os da avareza, injustiça, malvadez, calunnia? Não pode ser; contradizem-nos aquellas lagrimas, a attitude d'aquella menina. Demais, os principios que ali se dimanam são sanctos, despidos de todo o germen da subversão e conducentes ao bem eterno que para os justos foi creado, o qual se obtem pela perfeição da alma. São verdadeiros e puros como as mesmas verdade e pureza.

*Attendite et videte:* n'esta simples impressão que ahi vos deixo, tendes vasto campo para o vosso raciocinio, e quando hajaes estudado o assumpto, respondei-me se entre os vossos sectarios ha santidades tão sublimes que atravessassem as lousas funebres, e vão imprimir com o gelado sopro d'alem campã no espirito dos seus discipulos, d'aquelles que seguiam os seus conselhos e bebiam na sua fonte, a dôr da saudade que eu presenciiei sentir uma joven, ajoelhada na campã do seu confessor, e sobre ella verteu duas lagrimas puras e crystallinas!

Concluamos e trataremos em breve de apresentar um quadro perfeitamente contrario ao que deixo exposto.

J. P. MINEIRO.

## SECÇÃO LITTERARIA

### VIVA MARIA!

O' Mãe santa, a mais pura alegria,  
D'estes filhos, que caros te são,  
Faz que elles, ó casta Maria,  
Te dediquem mui pura affeição.

Virgem pura, Mãe nossa querida,  
Teus olhares propicios nos lança,  
Sê-nos ancora certa na vida,  
Sê o porto da nossa esperança.

Nada somos sem ti, nem queremos  
Sem teu norte aqui nada emprehender;  
Pois contigo a victoria teremos  
E sem ti a podemos perder.

Teus devotos seremos fieis,  
Teu louvor promettendo cantar,  
Esperando que em premio nos deis  
Junto a vós, lá no ceu, um lugar.

*Povo*

Ave, Ave, Maria  
Que és nossa luz,  
Pede n'este dia  
Por nós a Jesus.

M. F.

### SOU DO CEU!

O ceu é minha morada!  
Por elle ha muito aneio,  
E meu será sem receio,  
Se eu tiver vida regrada.

*Povo*

E' certo, é certo,  
O ceu é minha morada!

O ceu é minha morada!  
Com Maria lá estarei,  
Se, aqui, a divina lei  
Por mim fôr mui respeitada.

O ceu é minha morada!  
Morada de eterno goso,  
Lá sempre serei ditoso  
Junto á Mãe de Deus amada.

O ceu é a minha morada!  
Maria m'o ha promettido,  
E junto a seu Filho querido  
Vida ter santificada.

O ceu é minha morada!  
Quem me dêra lá estar  
P'ra eternamente gosar  
Com minha Mãe adorada.

O ceu é minha morada!  
Vou viver com o meu Rei!  
Feliz p'ra sempre serei,  
Co'a alma sempre arroubada.

M. F.

### MARIA, NOSSA MÃE

Santa e pia, és, oh Maria,  
Nosso encanto e nosso amor;  
Mãe bemdicta,—voz em grita  
Cantaremos teu louvor.

*Supplicas*

Nossa Mãe e nosso bem,  
Nosso amparo n'esta lida,  
Mãe piedosa, dadivosa,  
Sê-nos guia n'esta vida.

Salvação nossa, bordão  
Que para o Ceu nos conduz,  
Por favor, oh! com fervor  
Por nós pede ao bom Jesus.

Bella rosa, a mais formosa  
Do jardim do nosso Deus,  
Sem cessar o teu olhar  
Lança sobre os filhos teus.

E's a vida, és a querida  
Mãe dos miseros mortaes,  
Nossa guia, santa e pia,  
Que dos males nos livraes.

Virgem santa, tudo encanta  
Em Ti, que és o nosso amor;  
Por nós ora, a toda a hora,  
Ao teu Deus e teu Senhor.

M. F.

### S. Camillo de Lellis

(Continuação)

**M**AS que relação ha entre o assumpto de que nos occupamos e esse livro? perguntou o snr. Fernando.

—Muita, respondeu o sacerdote.

—Não comprehendo, retorquiu aquelle senhor.

—Mas brevemente o comprehenderá. Oiga e depois fallaremos.

—Está bem; comece...

O Padre Correia correu algumas folhas do volumoso livro, achou por fim o que desejava, e fallou d'esta maneira:

—Aqui temos descripta a vida do nosso glorioso Santo; vou ler-lh'a brevemente, e no fim, concluirei a minha ideia que tanta relação tem com a narração d'este episodio. Prestem-me toda a attenção.

\*

Antes de passarmos adiante digamos alguma coisa ácerca dos tres personagens que nós ainda pouco conhecemos.

Fernando Carvalho tinha 56 annos de idade; era o proprietario mais abastado da povoação. Possuia muitas propriedades rendosissimas e muito dinheiro a juros, o que lhe dava um rendimento annual pouco igualado pelos mais ricos do concelho.

Era alto, delgado, côr da pelle das batatas, olhos pequenos e penetrantes; vestia um pouco exageradamente, o que o fazia cair algumas vezes no ridiculo.

Rigido para com a familia, insupportavel para com os trabalhadores das suas propriedades e indifferente para com os estranhos, ainda assim não passava de um pobre homem. Uma vez que outra tambem tinha as suas generosidades, que applicava tão sómente aos mais desprovidos dos bens da fortuna.

—Aos mendigos das aldeias visinhas, nem uma de cinco.

—Era o que faltava, dizia elle, socorrer os estranhos, tendo tantas misérias no povoado! Nada, nada! Nem um chave a esses meliantes, trabalhadores em *seara alheia*.

Era assim que elle respondia ás lamurias dos infelizes que de duas ou tres leguas distantes, se aventuravam a pedir-lhe uma esmolinha, pelo amor de Deus.

Aos da terra, vá, sempre iam tendo o seu S. João, mas os de fóra?! Para isso é que não estava o snr. Fernando.

O regedor era nada mais nada menos do que o snr. regedor, cargo que desempenhava havia mais de vinte e seis annos, e que lhe dava uma certa importancia entre os seus patricios. (E não vá por dizer, que ninguem na povoação era capaz de exercer tal cargo!)

Para elle, não havia politica.

Essa cambada de progressistas e regeneradores que se succediam amiudadamente na gerencia dos negocios do Estado, era desconhecida para o bom regedor.

Demais, que lhe importava a côr politica dos partidos? Era regedor ora com uns ora com outros e pouco se incommodava com o resto.

De estatura, era regular. Comquanto

possuisse uma fortuna muito áquiem da do snr. Fernando, era um dos homens mais caridosos da aldeia. Dava esmola aos pobres todas as sextas-feiras, e distribuia pelos mais necessitados viveres em abundancia, duas vezes por semana.

Tinha 70 annos.

Era catholico, apostolico, romano, como elle dizia. Todos os dias assistia á missa do Vigario, de quem era o companheiro inseparavel.

Eis a larguissimos traços quem era o snr. regedor.

O snr. regedor, sim, e será por este nome que nós o conheceremos sempre, porque poucos dos seus patricios sabiam que elle se chamava Francisco d'Almeida Carvalho.

Quanto ao venerando Padre Correia, sacerdote exemplarissimo e digno de todos os respeitoes, nada diremos. A continuação do conto, melhor nol-o stereotipará.

Continuemos.

\*

Não vou agora fazer assistir os meus pacientes e bondosos leitores á leitura d'essas paginas do precioso livro em que estava descripta a vida de S. Camillo. Todavia tentarei expôr essa continua narração de factos que se succederam na vida no Santo Fundador, evidenciando mais e mais os pontos que o reverendo Correia leu com maior entonação de voz, e sobre os quaes elle queria chamar a attenção dos ouvintes que humilde e pacientemente o escutavam.

Fal-o-hei comtudo o mais summariamente possivel.

Nascera o nosso Santo em Vognianico, villa do reino de Napoles, em maio de 1550, e era filho de João Lellis e Camillo Campelio.

Nos primeiros annos da sua vida, arrastado pelas más companhias e pelos exemplos de muitos loucos que pouco se importavam com a vida futura, viveu pessimamente. Entregou-se em excesso á pratica de todos os vicios, á relaxação e aos disturbios iniquos, assentou praça na intenção de seguir para a guerra que então havia entre a republica de Veneza e a Turquia, o que não conseguiu por ter adoecido gravemente, vendo-se obrigado a voltar a Vognianico com o pae, que lhe falleceu no caminho.

Após bastantes mudanças de vida, na sua vida extraordinaria, veio por fim a consagrar-se deveras ao serviço de Deus, e a desprezar os enganões e illusões do mundo.

Mais tarde, achando-se em Roma, foi-lhe dado o logar de mordomo do hospital de S. Thiago, onde praticou verdadeiras obras de caridade, grandiosos actos de heroismo e abnegação.

Assistia aos mais enfermos, incitava com o exemplo os mais descuidados e foi ahi que concebeu o projecto da fundação de uma communidade a cujos cuidados estivesse a assistencia dos enfermos, sem mais recompensa do que a prometida pelo Divino Jesus.

Algun tempo depois, fundou uma verdadeira congregação no hospital do Espirito Santo, em que elle mostrava como a Providencia o havia destinado para o mais alto grau de perfeição.

#### IV

Quando o Padre Correia acabou a leitura, estava um pouco fatigado.

—Os annos não se passam debalde, meus senhores, disse elle, e eis como cheguei cansado ao fim d'esta interessante narração.

—Todavia, ajuntou o morgado, quando nos empregamos todos os dias em obras meritorias e o nosso espirito chega a enfraquecer pelas fadigas em beneficio dos nossos irmãos em Jesus Christo, no céo nos espera um lugar de descanso, onde não mais se recordem as penhas e trabalhos d'este valle de lagrimas.

—Olhe, senhor morgado, todos reconhecemos o bem e o mal alheio, e nunca os proprios. E' como o outro que diz: «vês um espinho no olho do companheiro, e não vês no teu um argueiro.» Quer attribuir-me virtudes que estou longe de possuir, quando em sua propria casa encontra todos os exemplos augustos e divinos.

La a conversação continuar sobre este theor, quando o sr. Fernando o interrompeu á queima roupa, perguntando ao sacerdote:

—Então que quer concluir com a leitura d'essas paginas que acaba de percorrer?

—O que quero dizer, e o que tive em vista fatigando-os com a audição da vida do nosso padroeiro é que, visto este virtuoso santo ter passado os seus melhores dias a suavisar as dores e angustias dos desgraçados enfermos que jaziam e soffriam cruéis dores e padecimentos nos enxergões d'um hospital, nós o honremos levando no dia da sua festa a alegria, o conforto e o bem estar a esses pobres que ahi gemem na aldeia. Isto sim, isto será o melhor que possamos fazer.

—E que devemos fazer, ajuntou o regedor.

—Ora essa, retorquiu azedamente o sr. Fernando! Mas se eu já lhes disse que podemos ao mesmo tempo comprar o fogo e contemplar com uma boa esmola os pobres... realisando juntamente as duas coisas.

—Nada de desperdícios, sr. Fernando, tornou o padre. Appliquemos se assim lhes aprouver, todo o saldo em obras

dignas d'um povo christão e necessarias para o seu bem-estar e engrandecimento. Olhe que não falta por cá em que applicar avultadas sommas!

—Em que? sr. Padre Correia.

—Na igreja, no cemiterio, nas ruas, na escola, etc. etc.

—Pois não temos passado bem até hoje com essas coisas como estão? Para que melhora-as? e como?

—Sim, é verdade que a igreja remedeia, o cemiterio recebe os mortos, as ruas tem assim servido e que a escola sempre foi onde hoje é, sem novidade apparente de se melhorar qualquer das coisas; mas oiça: Que mais pode ambicionar do que ver a casa do Senhor ricamente doirada e adornada, poder andar pelas ruas de noite sem correr o perigo de cair a cada passo nas enormes cavidades que por ali vê, ter a certeza de que os seus queridos defuntos dormem em paz no fundo da sepultura, sem receio de que os porcos, os cães e outros animaes lhes vão escavar a terra que os cobre, e que os seus filhos e netos possam ir á aula sem serem contaminados por diferentes febres que facilmente se levantam em todos os recintos em que são muitos corpos a aspirar o ar puro, o qual não pode ser renovado pelas pessimas condições hygienicas em que se encontram as portadas de comunicação, como succede na eschola?

—Mas isso não nos pertence, ateimou ainda o sr. Fernando, já um pouco abalado nas suas convicções e teimosias do fogo.

—Bem sei que nos não pertence, mas se são geraes os lamentaveis factos que acabo de lhe apontar, se em todas as povoações do concelho succede o mesmo, Deus sabe quando nos chegará a vez de melhorarmos!

Emfim, o fervoroso sacerdote tanto disse e tanto fez, que conseguiu mudar de resolução o unico que se empenhava em que houvesse o fogo preso.

Para acalmar o povo, encarregou-se ainda elle de apresentar no domingo immediato, n'uma breve predica, os motivos que levavam os representantes da irmandade de S. Camillo a banirem o fogo, applicando a quantia de trinta e cinco mil seiscentos réis em obras de misericordia.

Faltava resolver quem seria o pregador e qual a musica que devia ser convidada para a festividade.

Para o sermão, escreveram ao insigne orador (o melhor d'aquellas cinco leguas em circumferencia) o reverendo Padre Roque de Souza Rodrigues, e musica a do costume, e outra mais para assistir á *Kermesse*, mas quanto a esta segunda, pediu o Padre Correia muito segredo aos tres convivas, querendo enthusiasmar o povo com a surpresa.



SANTO ELEUTHERIO, BISPO E MARTYR

O segredo foi guardado religiosamente.

(Continúa.)

J. P. MINEIRO.

## O monge e a ave

Lenda mystica de S. Vicente Ferrer <sup>(1)</sup>

Quão grandes são o poder e a misericórdia de Deus! Havia um monge da Ordem de S. Bento, mui devoto, sacristão do Mosteiro.

A graça de Deus havia-o tocado. Uma madrugada, depois de matinas e antes do dia, desceu á igreja para tocar a prima. Todavia não era ainda tempo de tocar.

<sup>(1)</sup> Fragmento d'um sermão, cujo original manuscrito se encontra no archivo da cathedral de Valencia.

Aproveitou o momento para dar um passeio pelo bosque.

O céu estava risonho, puro e sereno; o ar doce e perfumado, o campo formoso em vegetação e em flôres.

Ia o monge andando pausadamente, quando de repente chegou aos seus ouvidos o canto d'um passaro invisível. (Anjo devia ser, e não passaro.)

Não era um canto, mas um encanto, uma harmonia, uma melodia celeste.

Desorientado, o monge não se cansava de ouvir, e quanto mais prolongava a ave o seu canto, mais captivo se sentia.

—Será já hora de tocar a prima?— disse por fim; e fazendo um esforço para vencer a sua abstracção, voltou para a santa casa, reconcentrado e pensativo.

Chegado ao horto começou a olhar para todos os lados.

Não conhecia aquelles logares.

Em frente via, é verdade, a porta d'um Mosteiro: mas não era a do seu; não era aquella porta pela qual tinha sahido momentos antes.

Comtudo encaminhou-se para ella.

Entrou no claustro, que não era tambem o seu claustro, e dirigiu-se para a igreja, que egualmente não era a sua igreja.

Observou-a por todos os lados. Era completamente desconhecida para elle.

Maior foi ainda a sua perturbação quando, chegando ao altar em que só ia para dizer Missa, se encontrou ante um altar que não era o seu.

Oh Virgem Santissima! O que é isto! Onde estou? Varios monges lhe appareceram n'aquelle momento, todos tambem para elle desconhecidos:

—Quem és tu?—perguntou um d'elles?

—Sou o sacristão d'este Mosteiro.

E contou como havia sahido pouco antes a dar um passeio pelo bosque, onde se havia demorado por se ter distrahido com o maravilhoso canto d'uma avesinha.

Os monges continuaram a interrogar-o, perguntando-lhe quem era o abade, como se chamavam os seus com-

panheiros, qual era a sua cella; até que por fim se chegou ao conhecimento que haviam passado quinhentos annos desde que o monge sahio do Mosteiro.

Cinco seculos esteve no bosque, e passou-os ouvindo cantar um rouxinol d'aquelles tempos.

S. VICENTE FERRER.

## Saudade e recordação dos dias da infancia

**Q**UE affectos não reúne a recordação dos dias da infancia e que comprehensivos elles não são?!

E quem poderá esquivar-se a elles quando piza um predio rustico ou urbano, onde, por assim dizer, lhe recorda os dias mais felizes da sua meninice?! Oh que primavera da vida que mais tarde se trocará em dias amargos, se o destino é adverso!

Querido leitor, sabeis onde é a horta das Freiras, proximo de Faro? Foi ali que passei esse tempo mais feliz da minha vida!

Aquella horta e suas casas que fazem frente para a estrada que vae de Faro a Loulé, foi obra de um individuo que veio da Africa mui rico; ignoro o seu nome.

A origem da horta veio do seguinte episodio historico.

Como em 1755 as freiras de Santa Clara receassem ser victimas do terremoto, pediram ao dono da referida horta que por caridade as deixasse albergar ali, o que lhes foi concedido. Sahiram portanto do seu convento de cruz alçada para lá. E só regressaram ao convento depois da catastrophe.

Eis d'onde veio o nome da horta das Freiras. Como o primeiro dono da horta morresse, e não deixasse herdeiros forçados, e não testasse a favor d'alguem, passou o referido predio para o estado.

Este deu-o a um individuo, por serviços prestados á nação, denominado major Albricaque. Em 1833 o governo apossou-se d'elle e deu-o ao muito nobre ex.<sup>mo</sup> snr. Manoel José de Bivar Gomes da Costa, que Deus haja, em compensação dos prejuizos que soffreu no arvoredo do seu predio, junto á referida horta.

Ora é necessario notar que todo o arvoredo das hortas e fazendas ao redor de Faro foi cortado para descobrir campo afim de que os guerrilhas não tomassem Faro. Finalmente hoje a horta das Freiras é dos ex.<sup>mos</sup> srs. Bivares.

Ainda me recordo ver vestigios na capella no angulo poente e norte onde as mesmas freiras ouviram missa.

Ora o referido major era compadre do pae de quem traça estas linhas, e

arrendava-lhe a horta. Eis a razão porque passamos alli a primavera da vida. E não diremos como tem corrido velozes os dias desde essa epocha até nós!...

Que liberdade tão fementida tem levado a sociedade á beira do abysmo de completa ruina!... Que lastima!

São os homens illustrados do seculo das luzes que, com suas acções e doutrinas anti-religiosas, tem substituido e affligido a sociedade portugueza.

Ha poucos annos li n'um almanach folhinha: «As mães para bem educarem seus filhos, não lhes devem ensinar a religião, só o ensino da lei natural os poderá fazer felizes.»

E todavia um tal moralista passa por illustrado. A nosso ver é um monstro mais perigoso do que o que pintou o grande Horacio. E dir-nos-ão os homens da ideia nova que venho a imprensa apregoar ideias velhas e caducas? O lemma da sua seita é a mentira. A verdade em todos os tempos é sempre a mesma. Só o Elche pode ter o descaro de negar a verdade por excellencia, pré-gada pelo Salvador do mundo. Oh desgraçado ente, que tendes a louca ideia de pôr defeitos nos attributos de Deus. Mais diriamos ácerca de tal materia se o espaço d'este jornal o permitisse. Tornemos ao assumpto.

Se por um lado temos soffrido a sorte adversa ao partir d'essa feliz epocha do alvorecer da vida, que saudades nos não infunde n'alma e coração, a recordação de dias tão felizes!

A mera fé que nutre a alma n'essa idade da adolescencia!

Oh que manancial tão innocente!

Não se sente os affectos, porque a alma não tem a robustez para os desabrochar e desenvolver. Porém se ao menos a criança teve uma mãe que lhe soube formar o espirito e o coração para o bem e para o justo, que felicidade não é a sua? E' opinião incontroversa do bom moralista que jámais se poderá formar o coração e o espirito da criança para o bem e para o justo se a educação não for impregnada do sentimento religioso, unico capaz de fazer conter a criatura humana nos seus justos limites. Quem conteria o homem na procella da vida, a não ser o temor de Deus? Querido leitor, a doutrina que acabamos de dizer, certamente não sóa bem aos ouvidos da impiedade; todavia forçoso é dizel-a, porque se lhe não agrada, é bem acceite pelas pessoas sensatas e probas. Se nos antigos tempos havia menos civilisação, em compensação havia mais moralidade; eis a razão porque os illustrados á moderna, quando fallam, referindo-se a esses tempos dizem: «No do obscurantismo, etc.»

Por conclusão diremos: Oh que dias tão felizes não terão os que gozarem

da nova epocha que se vae aproximando! Quando o edificio está derrocado, é necessario destrui-lo para se reedificar. As epochas succedem-se umas ás outras —vide os «Costumes dos Romanos»— Mutata vita proceram populi mores mutantur. Mudada a vida dos grandes, mudam-se os costumes dos povos. O que é velho passa a ser novo.

Faro.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

## Liberdade

**E**IS uma palavra escripta por Deus com penna d'ouro no coração do homem, e que este deve guardar como joia preciosa na estojo da alma, altar em que se offerecem os enthusiasmos da juventude, a cujo influxo se redimem as consciencias; liberdade de Christo que sacudistes o jugo da escravidão degradante e dignificaste a mulher, bem dita sejas.

Liberdade que te occultas sob as abobadas do templo e buscas asylo no coração do crente que ora, sê bem vinda.

Com que amigaveis sollicitudes se nos offerece a liberdade quando nos conduz ao verdadeiro fim e que horrivel torpeza a sua quando nos extravia pelos tenebrosos caminhos do mundo!

Gratissima é a impressão que no nosso animo deixa a locomotiva sujeita aos rails, quando nos traz ao ser querido, e é grande o desgosto e terrivel a amargura, se, descarrilando, lança no abysmo aquelle a quem se dedicavam as nossas mais caras afeições.

Quando, com faculdade de opção entre coisas diversas, se guarda a ultima ordem, somos livres, d'outro modo os nossos actos se informam na libertinagem que faz brilhar no cerebro os relampagos da paixão, obscurece a mente e afasta a vontade do bem.

Por isso, não devemos alentar o erro dos modernos sophistas ao servir-nos em bandeja de prata a mais monstruosa liberdade.

E dos corollarios que seguiram na pratica tal erro, que para nossa felicidade arrastou tantas intelligencias, protestamos com a mais firme convicção.

A que auctorisa a apropriação do alheio com o vão pretexto da penuria do thesouro, a que envenena o coração com as suas leituras, a que mede pela mesma raza a virtude e o vicio, a verdade e o erro, a que restringe e estreita o circulo de acção da verdadeira religião e recebe com o sorriso nos labios o culto de falsos deuses, não póde ser liberdade.

A que pelo caminho da verdade nos leva ao céo, essa é a liberdade, a que



pelas estradas labyrinthicas do erro nos perde, é libertinagem, increce a nossa execração.

A.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

*Propaganda catholica.*—Temos presente o primeiro fasciculo d'esta publicação.

No programma lê-se:

«E' este o nosso fim, para o qual já obtivemos a approvação do nosso Em.<sup>mo</sup> Prelado.

«Consideramos esta causa como um verdadeiro *Apostolado*; havemos, portanto, de pôr de nossa parte toda a energia, e a todos promettemos que, logo que ser possa, começaremos a *distribuição gratuita* da nossa *Propaganda* nos centros populosos e onde mais se faça sentir a necessidade da sã doutrina, em harmonia com as *informações* dos nossos correspondentes e cooperadores.

«Não esquecemos tambem as folhas avulsas, que tão proprias são para catechisar o povo.

«Tomamos como padroeira d'esta obra a Sagrada Familia Jesus-Maria-José.

«Condições—A assignatura é annual, e á razão de 65 réis por mez. Todos os mezes se publicarão 2 fasciculos—a *Propaganda Catholica*—e outro com o titulo de—*Leitura recreativa*—dando com estes 2 opusculos uma media de 1200 paginas de leitura por anno. As folhas avulsas entram na assignatura.

«Assignatura por um anno 800 réis; 5 assignaturas dão direito a uma gratias».

O fasciculo de janeiro intitula-se: *Religião, para que serve?*

Recommendamos aos nossos leitores esta util publicação.

\* \*

*Livraria Mesquita Pimentel.*—Esta antiga e acreditada livraria, sita na rua de D. Pedro, d'esta cidade, tem no prélo uma nova edição do magnifico livro—*Guia Ceremonial*, ou *Manual liturgico romano*, a qual verá em breve a luz da publicidade.

Esta novissima edição é completamente refundida e consideravelmente augmentada, com as ceremonias da *Semana Santa*, etc., etc.

São immensas as publicações feitas por esta conhecida livraria, todas muito recommendaveis.

Aproveitamos esta occasião para citar as seguintes:

*Explicação dos Evangelhos*, pelo Padre Schoupe, da Companhia de Jesus,

2 grossos volumes.—*Explicação completa de toda a doutrina christã*, pelo Padre Marnôco, segundo os Catechismos de Gaume, 1 vol.—*Pensamentos Consoladores* de S. Francisco de Sales, nova edição, 1 vol.—*Officios funebres*, 1 vol.—*Motivos da minha fé religiosa*, pelo Conego Barthe, nova edição, 1 vol.—*Uma Cruzada para a libertação do Summo Pontifice*, nova edição, 1 vol.—*A Situação do Papa*, nova edição, 1 vol.—*Livro d'Oiro do Sacerdote*, nova edição, 1 vol.—*Horas de Recreio Instructivo—Porta do Céu, ou thesouro inexgotavel de consolações da alma*, etc., etc.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### David salva a vida a Saul

(Vid. pag. 111)

DAVID deixou o deserto de Pharan para se approximar da sua patria, e voltou para a sua antiga solidão de Ziph. Os habitantes d'este deserto atraçoando-o novamente, foram dizer a Saul que o seu rival estava occulto no valle d'Hachila, que faz frente para o deserto. O rei voltou logo aos seus planos homicidas, tomou comsigo tres mil homens escolhidos e sahiu de Gabaa em perseguição de David.

Este logo que soube que Saul andava com os seus guerreiros no deserto, mandou exploradores á descoberta, e assim que obteve informações certas, partiu sem ruido, e dirigiu-se ao sitio onde acampava o rei. Notou perfeitamente onde estava a sua tenda, e qual era a do general Abner. Disse então para Achimelech Hethen, e para Abisai, seu sobrinho, irmão de Joab: «Qual quer descer commigo ao arraial de Saul?» Offereceu-se Abisai para acompanhal-o, e atravessaram de noite todo o exercito de Saul sem serem reconhecidos. Chegando á tenda do rei, viram-no deitado a dormir profundamente. Tinha a lança á cabeceira, cravada no chão, e Abner com todos os seus officiaes dormiam á roda d'elle. «Deus entrega-te hoje o teu inimigo, disse Abisai para David, vou atravessal-o com a minha lança até ao chão d'uma vez só; não ha de ser preciso dar-lhe outra lançada.»

Mas David deteve-o: «Não o mates, ponderou elle, porque quem ergue a mão sobre o unguido do Senhor não ficaria innocente. Viva o Senhor! a não ser que Deus fira por sua propria mão Saul, ou que este pereça n'alguma batalha, não ha de morrer. O Eterno me livre de derramar o seu sangue! Pega

na sua lança que está á cabeceira e na sua taça e vamo-nos embora.»

Tomaram pois a lança e a taça e retiraram-se. Ninguem os viu, nem deu por o que se passava. Mas quando David passou para outro lado e já ia bastante desviado do arraial de Saul, deteve-se no alto d'um monte e chamou em altos brados por Abner e por seus officiaes: «Abner, gritou David, acaso não és tu o mais valente dos filhos d'Israel? Então porque não guardaste o rei, teu senhor? Entraram na sua tenda, e vieram para o matar. Vê agora aonde está a sua lança, procura a taça que estava á sua cabeceira.»

Acordando Saul conheceu a voz de David. «Não é a ti que eu ouço, oh meu filho David? exclamou elle.—Sim, meu senhor e meu rei, respondeu David, sou eu. Mas porque razão me persegues tu? Que mal te fiz? E de mais, serei eu uma personagem tão importante, para o rei se pôr em campo e perseguir-me por as serras? Hoje te entreguei o Senhor em meu poder, mas satisfiz-me com tirar-te a lança e a taça, para te provar que os maus te illudem a meu respeito, que nunca formei más tenções contra ti. Só peço uma cousa a Deus, que poupe a minha vida como eu poupei a tua, e que me livre d'angustias.»

Saul commovido por tanta magnanimidade não se pôde conter que não chorasse. «Eu tive a culpa, disse elle a David, volta, meu filho, e has de vêr que te não faço mal. A tua conducta a meu respeito bem me demonstra que fui indignamente illudido, e obrei insensatamente. Longe de te amaldiçoar eu te abenço, e rogo a Deus para que sejas bem succedido em todos os teus commettimentos, e para que o teu poder venha um dia a ser immenso.»

David mandou-lhe a lança, mas não se atreveu a fiar-se nas palavras d'elle. Pensou que estaria mais seguro no meio dos Philisteus do que na sua propria patria.

\* \*

### Santo Eleutherio, Bispo e Martyr

(Vid. pag. 117)

Santo Eleutherio, diz o Padre João Croiset no *Anno Christão*, um dos mais illustres martyres de Jesus Christo, que floresceram nos primeiros seculos da Igreja, a quem celebram os escriptores como um prodigio do valor christão em tempo das perseguições gentlicas, tão distincto por sua magnanimidade e heroismo, que assim como sua memoria tem sido a admiração dos seculos futuros, foi por então sua constancia o assombro dos mesmos pagãos:

nasceu na cidade de Roma na deploravel epocha, em que os senhores idolatras d'aquella capital procuravam extinguir no mundo o nome e religião de Jesus Christo.

Sua mãe Antia, uma das illustres matronas, de familia senatorial, illustrada com a luz do Evangelho, educou a Eleutherio desde os mais tenros annos nas ineffaveis verdades da fé orthodoxa, e procurou imprimir em sua alma como em branda cera os altos mysterios da religião christã, cujas maximas piedosas sempre o menino seguiu, regulando seus costumes pela santa lei de Deus. Offereceu-o em sua puericia ao mesmo Pontífice Anacleto, com o fim de o incorporar no clero da Egreja de Roma; e para que com mais liberdade do que a que por então gozavam os fieis n'aquella cidade por motivo das frequentes perseguições, podesse instruir-se na litteratura, enviou-o a Ecana, onde por esse tempo florescia o Bispo Dinamio, varão esclarecido em santidade e sabedoria, debaixo de cujo magisterio fez o santo joven admiraveis progressos nas sciencias, e nada inferiores nas virtudes.

O zelo ardente, que mostrava Eleutherio pela religião de Jesus Christo, e a grandeza de espirito, com que rebatia os erros da idolatria, sem temor do poder dos gentios, moveram a Dinamio a ordenal-o sacerdote pela ordem prescripta nos sagrados canones; bem sciente da utilidade que resultaria para a Egreja na creação de um ministro, que tanto interesse manifestava em dilatar o reino de Jesus Christo, cuja verdadeira doutrina se propagava com repetidos milagres.

Em attenção aos relevantes meritos e notorios serviços á Egreja, com que Eleutherio se distinguia, foi promovido á dignidade episcopal, ainda que não conste ao certo da Egreja, que lhe coube. A diversidade de opiniões a respeito da sé que occupou este eminente Prelado, obriga-nos a seguir n'esta parte as conjecturas dos mais escrupulosos criticos, que, atidos a ellas, dizem: que, havendo sido mandado a Roma por Dinamio, com o fim de que se dignasse o Papa elegel-o para seu coadjutor, fôra consagrado Bispo de Aquileia.

Indo Eleutherio tomar posse da sua sé, acompanhado de alguns romanos illyricos, foi preso pelos gentios no caminho, e apresentado ao imperador Adriano, que por essa occasião passava do Oriente para Roma, o qual sabedor dos progressos que o santo fazia na religião com notavel prejuizo do gentilismo pelos muitos pagãos, que se convertiam á fé pela força dos seus prodigios e prégação, o mandou capturar.

Chegado á sua presença entrou a invectival-o, como, sendo descendente da illustre prosapia dos senadores romanos, se havia deixado colher nas redes de uma seita, que tinha por Deus um homem crucificado; que abominasse semelhante proceder: offereceu-lhe vantajosos partidos, se reconhecendo o erro, prestasse adoração aos deuses protectores do seu paiz. Desprezou Eleutherio com generosidade as propostas do imperador; préguo com valentia as ineffaveis verdades da fé de Jesus Christo, e com não menos valor declamou contra as superstições da idolatria, demonstrando em discursos lucidos sua necessidade: do que irritado Adriano appellou para o argumento da polé afim de render sua constancia.

Ainda que não accordam os escriptores na referéncia circumstanciada das actas de seu combate, todos affirmam que o tyranno experimentou sua constancia com varios generos de exquisitos tormentos: taes foram mandal-o deitar em uma grelha de ferro em brasa e arremessal-o depois a um forno abrazado; e como Eleutherio com o auxilio de Deus triumphasse d'estas crueldades, foi atado ás caudas de quatro cavallos e esquarterado. Ainda d'esta prova sahiu o martyr incolume, pelo que, irritado Adriano, manifestamente impotente, elle e seus falsos deuses, mandou por ultimo que fosse decapitado: alcançando por este meio a coroa do martyrio pelos principios do segundo seculo da era christã.

Sua mãe Antia, qual mãe dos Machabeus, animava seu filho a pelejar o bom combate; apenas elle expirou, arremessou-se cheia de goso sobre seu corpo a prestar-lhe com signaes sensíveis a veneração devida, por cujo heroico acto foi mandada tambem degolar por Adriano. Os fieis recolheram seus veneraveis cadaveres, e deram-lhes sepultura no campo de Roma. Foram tirados do primeiro sepulchro, logo que a paz foi dada á Egreja; achando-se presente ao acto o Bispo Reatino, elegu a Santo Eleutherio para padroeiro de sua Egreja, tendo conseguido grande porção de suas reliquias, parte das quaes foram trasladadas para Constantinopla.

## SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 4 foi recebido em Lisboa um telegramma noticiando a morte do vir-

tioso Bispo de Cochim Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. João Gomes Ferreira. O saudoso Prelado, que tinha apenas 40 annos d'edade e 10 d'episcopado, era membro d'uma illustre familia de Aguiar de Souza, e foi alumno do collegio das missões de Sernache do Bomjardim, onde teve por contemporaneos o actual Bispo de Himeria e o fallecido Bispo de Macau.

Missionario e depois superior da Missão em Timor, foi, por decreto de 25 de novembro de 1886, nomeado Bispo de Cochim, prestando relevantissimos serviços no Oriente.

A toda a illustre familia enlutada enviamos a expressão sincera do nosso pesame.

O sr. ministro da marinha transmitiu ao snr. Patriarcha de Goa o seguinte telegramma: «Deploro profundamente a perda do Bispo de Cochim. A memoria de Medeiros e de Gomes Ferreira é indelevel na historia do Padroado».

## RETROSPECTO

### A Lourdes: a Lourdes:

A Lourdes, aos pés da Virgem Immaculada, catholicos portuguezes!

A Lourdes, para mostrarmos a nossa fé e pedirmos para a nossa patria a protecção da Virgem!

Está-se procedendo aos trabalhos preparatorios d'uma peregrinação portugueza a Lourdes em agosto do corrente anno, peregrinação que chegue á cidade benedicta alguns dias antes da grande peregrinação nacional franceza, que costuma alli chamar uma concurrencia de 25 a 30 mil peregrinos, afim de que aquelles peregrinos portuguezes, que assim o desejem, possam acompanhar os actos da peregrinação franceza, durante a qual a Virgem Santissima costuma agraciá com curas alguns d'aquelles que confiadamente lh'as pedem.

Traballa-se para conseguir dos caminhos de ferro portuguezes, hespanhoes e francezes que a viagem seja directa, sem a costumada demora em Medina e em Hendaye, e para que haja abatimento no preço das passagens.

A Lourdes, portuguezes, a Lourdes!

### Attentado contra a nossa santa Religião

Ha dias, no theatro de D. Maria, em Lisboa, subiu á scena um drama intitulado o *Regente*.

N'esta peça desprestigia-se, avilta-se o Augusto Sacramento da Eucharistia!

N'uma das scenas do 4.<sup>o</sup> acto apparece um actor com vestes sacerdotaes, sobe a uma especie de altar e, imitando o ministro de Deus a tirar do Sacratio o vaso sagrado, com hostias fingidas

faz o simulacro da Communhão a dous homens que se ajoelham perante o pseudo altar!

E' revoltante!!

N'um paiz como o nosso, cujo monarcha tem o nome de—*Fidelissimo*—e a religião catholica, apostolica, romana como religião do Estado, o governo e as auctoridades admittem que n'um dos theatros do Estado (mais esta aggravante!) se menospresem os preceitos da religião! Permittem que o Sacramento da Eucharistia, o mais solemne e Augusto da nossa santa Religião, seja profanado, desacatado publicamente, talvez com grande gaudio dos espectadores!!!

Como christãos e como catholicos erguemos bem alto a nossa voz de protesto contra o attentado á nossa santa Religião e pedimos providencias, mas providencias energicas, radicaes, para que se acabem por uma vez com estas revoltantes especulações.

—Diz-se agora que o sr. governador civil de Lisboa manifestou á empreza d'aquelle theatro o desejo de que fosse retirada aquella scena, e que, em consequencia d'esse facto, o sr. Souza Vasconcellos pediu a demissão de fiscal do governo junto do mesmo theatro.

Folgamos muito com esta noticia; quanto ao pedido de demissão do fiscal do governo, entendemos que fez muito bem e já ha muito o devia ter feito, visto mostrar não ter energia para poder exercer aquelle cargo como devia.

### Horrorosa catastrophe em Paris

Paris está de lucto e com elle quasi toda a Europa. Toda a alta sociedade da grande capital tem a chorar a perda d'um parente ou d'um amigo.

Na noite do dia 4 do corrente o telegrapho transmittia a noticia com todos os pormenores, que causaram dolorosa impressão, do pavoroso incendio occorrido na tarde d'aquelle dia n'um dos bairros mais importantes de Paris.

Na rua Jean Goujon, do bairro dos Campos Elyseos, havia-se estabelecido uma grande barraca de madeira e lona, onde se celebrava uma rifa de objectos, annunciada em beneficio dos pobres.

No dia 4 era a inauguração do chamado Bazar da Caridade e a concurrencia de gente elegante e da aristocracia franceza era immensa.

Quando mais numerosa era a concurrencia, ouviu-se o terrivel grito de fogo!

Seguiu-se um panico indescriptivel; toda aquella massa de gente se precipitou para a unica porta que havia com tal impetuosidade que abateu o

pavimento, impossibilitando então a sahida.

O que então se passou foi horroroso! Muitas pessoas que alli estavam morreram carbonisadas!

A causa do sinistro foi a explosão da lampada do cinematographo.

Após a explosão incendiaram-se as paredes do pavilhão e rapidamente se propagou o fogo ao pavimento.

A muitas das distinctas senhoras que vendiam bilhetes incendiaram-se immediatamente os vestidos.

São 115 as victimas que pereceram n'aquelle horroroso incendio. Entre ellas figura a duqueza de Alençon, irmã da imperatriz da Austria e uma das mais fervorosas christãs da França.

Não nos alongamos em pormenores pois os leitores já devem ter conhecimento d'este horrivel incendio largamente narrado por todos os jornaes.

Resta agora que nós, os catholicos, não nos esqueçamos nas nossas orações d'aquellas almas que alli perceram. Peçamos pois a Deus pelo seu eterno descanso.

### Quando vires as barbas do vizinho a arder...

O snr. governador civil do Porto deu ordem ás auctoridades administrativas para fazerem uma vistoria aos theatros e casas de divertimentos publicos, ordenando todas as medidas preventivas para o caso de incendio, etc.

Estes snrs. só se lembram da Santa Barbara quando ouvem ribombar ao longe o trovão. Foi preciso dar-se a horrivel catastrophe de Paris para se ordenar uma vistoria aos theatros.

### Invento de ha quatro mil annos

Poderá não ser verdade, mas o que vae lêr-se é do jornal russo *Navoié Vremia*, e mentira ou não, publicamos a noticia a titulo de curiosidade.

A bicycleta foi inventada pelos chinezes no anno 1300 antes de Jesus Christo. A invenção d'esta machina produziu tal entusiasmo entre as senhoras da China, que o imperador então reinante, publicou um edito prohibindo o seu uso no interesse do decoro publico. Em consequencia d'esta prohibição, a bicycleta desapareceu, e esteve ignorada por espaço de quatro mil annos.

### Observações curiosas sobre o calendario

Nenhum seculo pôde começar em quarta-feira, sexta ou domingo.

O mez d'outubro principia sempre no mesmo dia da semana que o de janeiro; abril em igual dia de julho; dezembro no mesmo dia de setembro; fe-

vereiro, março e abril em dia identico tambem.

Os mezes de maio, junho e agosto começam, ao contrario, em dias diferentes.

Estas regras são applicaveis aos annos bissextos.

O anno ordinario acaba sempre no dia da semana analogo ao que começou.

Emfim, de 28 a 28 annos pôde servir o mesmo calendario.

### Condecoração feliz para os pobres

Um negociante d'Amiens, que ha pouco foi nomeado cavalleiro da Legião d'Honra, querendo commemorar este facto distribuiu por varios hospicios e casas de caridade a quantia de réis 2:500:500.

A esposa do agraciado enviou tambem a quantia de 200:5000 réis para a obra das creches.

Este bello exemplo é digno de ser imitado.

### Amor filial

Em Berlin deu-se o seguinte facto que impressionou todos os que o presenciaram:

O commandante Krosigk recebeu um telegramma de Halle, participando-lhe que sua mãe estava agonisante; partiu immediatamente para Halle e quando chegou já a mãe tinha fallecido.

A impressão que o amante filho recebeu ante o cadaver da sua mãe foi tão grande que cahiu morto junto ao leito onde ha poucos momentos havia expirado a que lhe deu o ser.

### S. José, patrono da boa morte

Lêmos no jornal francez *Le Pèlerin* o seguinte:

«Certo dia um Padre recebeu a visita d'um ancião, que lhe pediu para ir confessar uma moribunda, servindo-lhe de guia até a casa d'ella, que era das de mau-viver; em vista da insistencia do ancião para que entrasse, o Padre obedeceu, encontrando n'um quarto uma mulher que ao vê-lo lhe perguntou quem o havia chamado.

—Um velho que está á porta, contestou o Padre.

—Mas eu não mandei ninguem chamar v. rev.<sup>ma</sup>, replicou a enferma.

Porém, graças ás exhortações do Padre, acabou por confessar-se, declarando que a unica devoção que tinha conservado era rezar diariamente um Padre Nosso e uma Ave-Maria a S. José para obter uma boa morte.»

Sirva-nos pois de modelo este santo e piedoso exercicio: não nos esquecendo implorar quotidianamente ao Patriarcha S. José que nos conceda uma boa morte.

### O socialismo na Italia

A policia italiana prohibiu ha dias a venda pelas ruas do jornal revolucionario *Avanti*, e prendeu os rapazes que o apreçoavam.

Dois deputados socialistas, Morgari e Bissolati, querendo dar um cheque á policia, não vacillaram em pegar cada um em alguns milhares de exemplares do jornal e ir vendel-os pelas ruas principaes de Roma.

Protegidos pela sua immuidade parlamentar continuaram a venda durante o dia, enquanto os agentes da auctoridade cruzavam os braços.

### As procissões em França

Os catholicos de Brignoles resolveram encerrar uma missão com uma procissão solemne na quinta-feira de Paschoa.

O *maire*, enfurecido com esta resolução, mandou affixar um edital prohibindo procissões n'aquelle dia.

Como os catholicos não são revolucionarios, resolveram obedecer ao seu primeiro magistrado, mas organisaram uma procissão esplendida para o dia de Paschoa.

Após o canto solemne do *Credo*, na egreja cathedral, os homens e os mancebos levaram o Crucificado em marcha triumphal, no meio da multidão, que o acclamava.

Alguns momentos depois, no sitio onde se achava erguida uma cruz no angulo da praça, no meio da harmonia da musica, das acclamações e dos cantos religiosos, a santa imagem foi alli collocada.

Na multidão immensa que occupava a praça de Santo Estevão e as ruas proximas, havia um ardente enthusiasmo religioso, e quando a possante voz d'um missionario se elevou para pedir aos christãos, que acabavam de se manifestar pela sua fé, jurassem fidelidade a Deus e á sua Egreja, todas as vozes pronunciaram um solemne juramento.

A cerimonia effectuou-se na mais perfeita ordem, e toda a cidade se associou com tanta espontaneidade como enthusiasmo, e a Cruz foi alli alteada e o encerramento da missão teve o brilho que se esperava.

Esta attitudé dos catholicos foi uma dura lição para o *maire*, que, decerto, não se esquecerá d'ella.

### As peregrinações a Lourdes

Durante o anno de 1896 visitaram a Basilica da Virgem Immaculada, 225 peregrinações com 164:000 peregrinos.

Nas obras materiaes da Basilica do Rosario, que terá tantas capellas como mysterios tem o Rosario, está já terminada a capella da Encarnação; na da Flagellação collocaram os hollandezes um magnifico altar e está quasi prompto o grande orgão da Basilica.

### Vicissitudes politicas porque tem passado o Pontificado

Em 847, sendo Papa Leão IV, os sarracenos invadiram e devastaram o Vaticano.

Em 977, o Papa Gregorio V foi encerrado por Crescencio no castello de S. Angelo.

Em 1084, Henrique IV, imperador da Allemanha, aprisionou no mesmo castello o Papa Gregorio VII.

Em 1117, o imperador Henrique V obrigou a fugir de Roma o Papa Paschoal II.

Dois annos depois, Gelasio teve de refugiar-se em Gaeta e mais tarde em França, morrendo no mosteiro de Cluny.

Innocencio II pediu tambem em 1130 asylo a França.

Alexandre III fugiu ante Barbarroja em 1159, e segunda vez em 1167.

Innocencio IV refugiou-se em França, em seguida ao seu advento ao Pontificado em 1245.

Em 1347, occupando a Sé Apostolica Clemente V, proclamou-se em Roma a republica de Colás Rienzi.

No Pontificado de Nicolau V, Estevão Percari foi chefe da nova republica latina.

Em 1527, o Papa Clemente VII, esteve seis mezes prisioneiro dos imperiaes no castello de S. Angelo.

Em 1796, Roma e os Estados romanos foram transformados em republica, e o Papa Pio VI foi feito prisioneiro.

Em 1809, sendo successor de S. Pedro o Papa Pio VII, Roma foi annexada ao imperio francez, e o Papa foi encarcerado.

Em 1848, Pio IX teve que fugir de Roma para não ser victima da furia dos mazzinianos.

Em 1870, occorreu o que todos sabem.

Esta enumeración, ainda que um pouco extensa, não está completa.

### O homem chimico

Um sabio americano, talvez parente de Garner, que estuda a lingua dos monos, annuncia a invenção do homem chimico. Este sabio, chamado Humpley, diz que vae compôr um cerebro humano e todo o corpo do homem artificialmente com substancias e elementos que formam o homem natural. O homem chimico será um ser pensador.

Isto recorda a phantastica historia d'aquelle anatomico hespanhol que achou o meio de extrahir o cerebro, limpal-o e tornal-o a collocar no seu sitio.

Um dia a cosinheira, achando um cerebro embrulhado n'um papel na ante-camara do sabio, julgou que era para preparar para o jantar, e se melhor o pensou, melhor o fez.

O sabio, desesperado, substituiu o cerebro por uma cabeça de porco, e o

seu cliente deixou de estar louco, mas adquiriu um tal costume, que todos fugiam d'elle como da peste.

Isto pôde-se applicar á lenda do homem chimico.

### A medalha de S. Bento

Sendo grande o numero de serpentes venenosas n'um territorio da America do Sul, onde os missionarios catholicos tinham ido evangelisar, distribuiram pelos meninos das escolas que elles dirigiam, medalhas de S. Bento; um dia, ao voltar para sua casa, um menino de seis annos viu a poucos passos de si uma enorme serpente, disposta a accommettel-o, mas a creança, em vez de se intimidar, disse-lhe, tirando a sua medalha: «Aproxima-te, se te atreves; não te temo, pois tenho aqui a minha medalha e podes mordel-a se quizeres.» A serpente então mudou de direcção, desapparecendo n'um expesso matagal.

### O milagre de S. Januario

Na sexta-feira passada realisaram-se em Napoles as duas procissões annuaes chamadas da transladação das reliquias de S. Januario.

Na primeira procissão, ao meio dia, foi levada da cathedral de S. Januario para a basilica de Santa Clara a imagem de prata de S. Januario, em cuja cabeça está encerrado o craneo do santo patrono de Napoles. Na segunda procissão, ás 5 horas da tarde, foi conduzida da cathedral para a basilica a ambula que contém o sangue d'aquelle Santo.

Entrado na basilica, o snr. vigario capitular procedeu ás orações e ás incensações do rito. Não tardou a operar-se o milagre da liquefacção do sangue, e logo o som alegre e festivo do carrilhão o annunciou a toda a cidade. Após o solemmissimo *Te Deum* foram reconduzidas precissionalmente á cathedral a estatua e ambula.

## Peregrinação portugueza a Lourdes

Projecta-se, como já dissemos, uma peregrinação portugueza a Lourdes em agosto proximo. Para maior commodidade dos peregrinos, está-se trabalhando para arranjar um comboio expresso de Medina a Irun, que parta de Medina pouco depois da chegada do comboio ordinario, o que fará com que se poupem doze horas na viagem. Para se conseguir isto, é porém mister sabor-se o numero de peregrinos. Convidam-se, pois, por este meio as pessoas que tencionem tomar parte na peregrinação portugueza a Lourdes a mandarem sem perda de tempo os seus nomes a Manuel Fructuoso da Fonseca, redacção da *Palavra*, Porto, afim d'habilitarem a commissão promotora da peregrinação a entrar em ajuste com as companhias de caminho de ferro para obter as possiveis vantagens.